

N. 14 2001

ISSN 0871-2778

REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

**As Ciências
Sociais e
Humanas:
Tendências
e Perspectivas**



Edições Colibri

CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS NO SÉCULO XXI: INCONFIDÊNCIAS, USOS E SIGNIFICADOS PRIVADOS

Helena Rodrigues

Tenho para mim que o título genérico destes Encontros (Ciências Sociais e Humanas no Séc. XXI) não é neutro. Serei pessimista, mas nele projecto alguma preocupação e desconforto relativamente ao presente e ao futuro das Ciências Sociais e Humanas.

É assim que no âmbito desta comunicação me proponho: 1) reflectir sobre alguns dos problemas que me parecem colocar-se na actualidade ao campo de trabalho das Ciências Sociais e Humanas e aflorar ideias que talvez possam ajudar a lidar com esses problemas; 2) dar a conhecer um projecto de investigação intitulado “Desenvolvimento Musical e Primeira Infância” em curso na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, enfatizando aspectos filosóficos e de concepção que ajudem a compreender aquelas ideias.

Integro este segundo ponto numa discussão sobre os desafios que se colocam às Ciências Sociais e Humanas do século XXI porque a elaboração daquele projecto, com interfaces nos domínios científico, educativo e artístico, resulta, justamente, de uma busca de usos e significados pessoais ditada por uma intranquila (e culpabilizada) consciência relativamente a problemas diagnosticados no campo de trabalho das Ciências Sociais e Humanas. Ou seja, à inconfidência dos problemas segue-se a partilha de um algum apaziguamento. Incompleto, obviamente.

1. Notas para uma reflexão sobre as Ciências Sociais e Humanas do Século XXI

a) Acerca de problemas

Julgo que um dos problemas com que as Ciências Sociais e Humanas se debatem na actualidade tem a ver com uma excessiva teorização e abstrac-

ção do seu campo de trabalho. Progressivamente temo-nos vindo a afastar da realidade da vida do quotidiano.

Dito de formas mais prosaicas: o que fazem as Ciências Sociais Humanas pelo quotidiano dos homens e mulheres do século XXI? O que é que as pessoas lhes pedem? Isto é, qual a finalidade das Ciências Sociais e Humanas em relação com a vida vivida?

Não, não se trata aqui de procurar uma “utilidade” (há utilidades que decorrem da “não utilidade”...) ou de uma “funcionalidade”. Mas trata-se, efectivamente, de questionar o sentido e a pertinência de algum trabalho desenvolvido no âmbito das Ciências Sociais e Humanas. Serão as pessoas (e os alunos) que se afastam das Humanidades ou serão as Ciências Sociais e Humanas que se têm fechado ao Mundo?

Os intelectuais necessitam de chamar a si uma espécie de acto de contrição relativo ao conhecimento divulgado ou produzido: Pertinente? Estéril? Útil? Óbvio? Orientado? Desprovido de uma finalidade, um sentido, um significado? Estas questões deveriam preocupar as nossas opções de estudo nem que seja, apenas, para nossa auto-justificação, para a compreensão do significado do nosso trabalho.

Concretamente, no que concerne a algumas manifestações artísticas e a algumas perspectivas sobre Música, tem sido menorizado o significado das emoções, os aspectos intuitivos e a possibilidade comunicacional presente nas Artes, como se o pensamento e a lógica fossem de uma ordem superior. Preocupação desmesurada por um estatuto “científico”?

Do mesmo modo, algum ensino de Música tem sido excessivamente intelectualizado e, em vez de partir do sonoro, do corpo vivido e do movimento, tem sobrevalorizado a partitura e a análise musical baseada na leitura. Desincentivando a prática musical espontânea e a improvisação, este tipo de ensino vai convertendo a Música numa arte visual restrita a uma elite capaz de decifrar um código escrito. Será esta uma forma subtil de tornar hermético um determinado modo de conhecimento, de distinguir entre os que são e os que não são supostamente “Músicos”, de mostrar que se é um “iniciado”? (Subentenda-se: todos os saberes têm os seus corporativismos e as suas estratégias de regulação de poder). Perdendo possibilidades como linguagem, a Música passa a afastar-se do indivíduo comum, passando a ser monopólio de uma elite cada vez mais solitária e encerrada na sua literacia musical.

Não é de espantar, pois, que exista um grande fosso entre ensino de Música, alguns decisores culturais e o “público” musical. Ou seja, há um problema de “dissonância cognitiva” entre as necessidades musicais dos indivíduos em geral e o que é oferecido. Na Escola há a Música da sala de aula; depois da Escola há a Música das garagens. Depois, nas festas de amigos, quem toca para que todos cantem à volta da guitarra ou do piano, são

estes, os das garagens e outras catacumbas; os que “sabem” Música deixaram as partituras em casa e com elas ficou a Música.

No que toca ao Ensino, este afastamento do Mundo real verifica-se também no desfasamento existente entre interesses de investigação e necessidades concretas dos alunos e dos professores. Muito do conhecimento produzido, apesar de poder ser relevante por si próprio, não tem qualquer relação com as condições de aprendizagem das crianças ou um melhor desempenho profissional do professor ou do educador. Há muitos mais trabalhos de investigação sobre modelos de formação, políticas educativas e análises históricas que trabalhos efectuados directamente com crianças, que em última análise são o alvo do Ensino. Há grandes investimentos a nível da formação teórica dos professores mas não é linear que o conhecimento teórico ou a capacidade de realizar investigação se traduzam numa maior eficácia como professor ou num melhor ajustamento pessoal na profissão.

Em suma: a excessiva teorização coloca-nos do lado da incomunicabilidade.

Um outro problema decorre de uma suposta ilimitada facilidade de acesso a informação com que o século XXI nos vem presenteando. Parecemos crianças gulosas, saltitando de citação em citação, sem tempo para discernir as que servem, realmente, as nossas necessidades interiores (ou exteriores). O “banquete da informação” nas Ciências Sociais e Humanas oferece-nos tudo, até o absurdo, o senso comum e o óbvio servidos com estatuto científico e complexa ininteligibilidade. E vai-nos obrigando a saber de cor a ementa, sem nos deixar tempo para saborear e assimilar algumas iguarias coloridas que se estendem sobre a mesa.

Citemos, citemos a citação citada.

Ora, tal como a poesia não é para recitar mas “para se comer” (não cito a poetisa autora deste verso como forma de protesto à “neurose de citação” de que enfermamos; gesto este que me esforçarei por manter até ao final desta comunicação), tenho para mim que o saber é para saborear, com Tempo para se encontrar o gosto certo.

Aonde quero chegar? À noção de que a sabedoria, ou o saber próprio, se constroem a partir do saber de outros. Temos de ser exigentes no aprofundamento do conhecimento: à superficialidade da citação múltipla e descontextualizada temos de opôr o esforço do conhecimento profundo. Só este, por comparação, é capaz de gerar discernimento e síntese pessoal.

Num tempo de abundância de informação urge interrogarmo-nos, pois, sobre as razões da produção e da circulação de determinadas ideias e valores. Num tempo em que todos os saberes parecem lícitos, deveríamos ponderar acerca da relevância daquilo que estudamos para o melhoramento das nossas vidas.

Convenhamos: alguns dos saberes produzidos no âmbito das Ciências Sociais e Humanas são estéreis e cumprem apenas funções de ocupação no território epistemológico. Há “saberes” que não cumprem nem uma finalidade, nem um sentido, nem tão pouco uma função ou utilidade. No entanto, subsistem graças a estratégias de regulação de poder. Mais: revelam-se eficazes guardiões na promoção e reprodução de esquemas de controle intelectual.

A incapacidade de selecção e tratamento da informação com que hoje nos confrontamos é a cegueira intelectual da actualidade.

No campo concreto da Psicologia da Música e da Pedagogia Musical, por vezes o melhor é fazer-se o esforço contrário ao habitual: em vez de bibliografia actualizada procure-se a produção do início do século, anterior à massificação da investigação ditada por pressões de competitividade.

O que se pede às Ciências Sociais e Humanas do século XXI é selectividade e orientação. Mesmo que a originalidade não seja mais do que a reorganização caleidoscópica de velhos saberes, o que o século XXI pede às Ciências Sociais e Humanas é a emergência de saberes próprios e originais que ajudem a lidar com as vicissitudes do quotidiano. E não a negação ou ignorância deste quotidiano. O que o século XXI pede às Ciências Sociais e Humanas é orientação, visando o encontro de uma ordem de valores que nos salve do marasmo da relativização.

Nesta linha de pensamento, o esclarecimento das finalidades de um dado problema de estudo e o esclarecimento das suas bases de sustentação filosófica são cruciais para que o conhecimento produzido não seja mais um amontoado de informação a bloquear capacidades criativas e de pensamento autónomo.

Sublinhe-se: a finalidade e a justificação dos problemas de estudo é algo a que temos de prestar especial atenção nas Ciências Sociais e Humanas do século XXI. Para não atulharmos o Mundo com a desinformação do “excesso” de informação.

b) Recados para as Ciências Sociais e Humanas do século XXI

Devíamos abandonar a citação. Em sua vez, devíamos deixar-nos enfeitiçar pela criação.

A velocidade temos de opôr lentidão. À dispersão temos de opôr sentido.

O que nos falta não é informação, é discernimento.

O que nos falta não é conhecimento, é clarividência.

O que nos falta não é saber, é sabedoria.

É de poesia (resumos e vislumbres) que estamos necessitados.

2. Reflexões em torno do projecto Desenvolvimento Musical e Primeira Infância

Passarei agora a descrever alguns aspectos relativos a um projecto de investigação¹ em curso na F.C.S.H. relativo ao desenvolvimento musical na primeira infância, procurando a partir dele equacionar problemas e ideias relativas às Ciências Sociais e Humanas do século XXI.

Para a realização deste projecto foram organizadas sessões de orientações musicais para Pais com bebés². Para ilustração deste trabalho serão projectadas imagens video recolhidas nestas sessões³.

Este projecto surgiu na sequência de alguma auto-crítica e de uma tomada de consciência relativa a alguns problemas diagnosticados no campo de trabalho das Ciências Sociais e Humanas, pelo que julgo fazer sentido integrá-lo aqui.

2.1. Finalidade e justificação do projecto

Em termos de investigação, o principal objectivo deste projecto é reunir dados que permitam caracterizar o desenvolvimento musical de crianças situadas na faixa etária dos zero aos dois anos de idade.

Até há bem pouco tempo o conhecimento acerca do desenvolvimento dos bebés centrava-se nas questões do seu tamanho, peso e poder muscular, negligenciando-se as suas enormes capacidades perceptivas, de aprendizagem e comunicação. Nos últimos vinte e cinco anos este estado de coisas tem-se alterado significativamente, dispondo-se hoje de informação que mostra que muitos comportamentos do ser humano apresentam um grande nível de complexidade desde o nascimento.

No entanto, não obstante a literatura sobre desenvolvimento infantil ser hoje muito mais abundante, aspectos especificamente relacionados com o desenvolvimento musical permanecem ainda obscuros. E, de facto, quer se equacione o estudo do desenvolvimento musical como o estudo de uma das sete inteligências defendidas por Howard Gardner (inspirado em autores de meados do século XX) ou como uma aptidão específica, é-se levado a pensar que essa superfície do comportamento humano merece um estudo deta-

¹ Projecto Desenvolvimento Musical e Primeira Infância, financiado pelo Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.

² A decorrer numa sala gentilmente cedida pelo Departamento de Ciências da Comunicação da F.C.S.H., todos os Sábados de manhã, de 9 de Outubro a 29 Junho, a quem se agradece todo o apoio prestado.

³ Projecção do mini-documentário “Orientações musicais para a infância”, realizado pelos alunos do Departamento de Ciências da Comunicação Filipa Gambina, Liliana Duarte, Madalena Reis e Marco Machado, sob orientação de Pedro Sena Nunes, responsável pelas gravações e realização em video deste projecto.

lhado tal como o desenvolvimento motor, o desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento social ou o estudo do desenho infantil.

Apesar de datarem já do início e de meados do Século XX trabalhos do psicólogo maturacionista norte-americano Gesell e da Pillsbury Foundation, abordando a problemática do desenvolvimento musical infantil, e de em 1968 Helmut Moog ter escrito uma obra que ainda hoje se revela extremamente actualizada, o certo é que muitas questões específicas, neste âmbito temático, permanecem sem resposta.

Por outro lado, estudos no âmbito da linguagem e da comunicação têm dado destaque a aspectos musicais presentes desde o nascimento nas interacções entre o bebé e os Pais (ou quem trata da criança). É o caso de investigadores como Hanus e Mechtild Papousek que têm defendido que os princípios da aquisição da linguagem e do desenvolvimento da competência musical podem ser indistintamente abordados no quadro da interacção familiar, como formas de comunicação humana na primeira infância. A este respeito, refira-se que observações informais indiciam que nas formas primárias da comunicação humana parece haver uma espécie de proto-linguagem tanto mais musical (e menos recheada de palavras) quanto mais pequena é a criança.

Há ainda estudos na área da aquisição da linguagem que têm posto em relevo parâmetros musicais como a entoação melódica das frases ou a prosódia.

Numa outra linha de trabalho, enquadrada dentro da sua teoria de aprendizagem musical, Edwin Gordon tem defendido que o período de vida entre o nascimento e os dezoito meses de idade é crucial em termos do desenvolvimento musical e da aquisição da voz cantada. Esta ideia, que há anos atrás poderia chocar por contrariar alguns mitos e preconceitos, é hoje perfeitamente consensual e está de acordo com o que se conhece sobre desenvolvimento infantil e neurológico.

Em suma: quer pela sua especificidade como pela sua função em termos do estabelecimento das primeiras comunicações e da intersubjectividade, o estudo do desenvolvimento musical na faixa etária dos zero aos dois anos é algo que há-de permitir conhecer melhor o bebé do século XXI. Este conhecimento pode, talvez, tornar a parentalidade mais fácil, a educação musical mais eficaz e a infância mais feliz.

2.2. Comentários ao visionamento de imagens sobre as sessões de orientações musicais para bebés, em curso de Outubro de 2002 a Junho de 2003 na F.C.S.H.

As imagens documentam sessões de orientações musicais para Pais com bebés, em curso na Faculdade desde Outubro de 2002 a Junho de 2003.

Far-se-á aqui uma breve explicação do que foi visionado, procurando, uma vez mais, abordar aspectos que possam servir de pretexto para uma reflexão sobre as Ciências Sociais e Humanas no século XXI.

Trazer imagens da experiência prática é, aliás, uma metáfora do que penso dever ser uma orientação para as Ciências Sociais e Humanas do século XXI: um maior diálogo com a vida prática.

As sessões referidas visam oferecer experiências musicais ricas e diversificadas e simultaneamente alargar possibilidades de comunicação entre Pais e bebés. Ou seja, a intervenção não se dirige apenas ao bebé individualizado, mas ao sistema famílias com bebés.

Pretende-se reunir dados que permitam caracterizar o desenvolvimento musical de crianças situadas na faixa etária dos zero aos dois anos de idade, contextualizando o estudo desta superfície do comportamento humano num modelo global de desenvolvimento humano.

A fundamentação para este trabalho decorre das contribuições a que se fez referência no ponto anterior, podendo ser destacadas três ideias principais: a) é na primeira infância que se adquirem as competências basilares para as aprendizagens futuras; b) a aprendizagem da música processa-se de forma análoga à aprendizagem da língua materna, pelo que desde o nascimento se deve proporcionar à criança experiências musicais variadas num contexto de interacção humana; c) há, nos padrões comunicacionais naturalmente estabelecidos entre os Pais/educador e o bebé, elementos musicais importantes quer para o desenvolvimento da aptidão linguística quer da musical.

Inicialmente, colocaram-se algumas questões de ordem epistemológica que se podem traduzir do seguinte modo: fará sentido pretender estudar o desenvolvimento musical e simultaneamente estar a intervir, proporcionando a estas crianças experiências musicais? A conclusão a que se chegou é que só é possível estudar o desenvolvimento musical da criança se ela estiver exposta à Música, da mesma forma que o estudo do desenvolvimento da linguagem, por exemplo, supõe que desde o nascimento há “intervenção” linguística. A semelhança de outras capacidades humanas, a capacidade musical só se revela e desenvolve se devidamente estimulada. Naturalmente que, da mesma forma que o tipo e quantidade de estimulação oferecidas afectam o desenvolvimento psicomotor ou o desenvolvimento linguísticos, também o desenvolvimento musical de uma criança é afectado pelo tipo de estimulação recebida. Mas isto pertence a uma outra ordem de questões.

Para já importa conhecer o ambiente musical oferecido a estas crianças. Nestas sessões de orientações musicais seguem-se princípios da teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon. Assim, em situações informais de aprendizagem, proporcionam-se momentos de escuta e descoberta musical. Pretende-se que a criança vá coleccionando o seu vocabulário musical e construa o seu próprio pensamento musical. Privilegiando a voz humana, utilizam-se canções e cantos rítmicos com métricas e tonalidades variadas. Uma ideia base é de que se aprende por comparação, pelo que se procura

criar um ambiente musical rico e diversificado. O movimento surge como uma componente natural e indissociável da experiência musical e muitas vezes integrado em situações lúdicas que potenciam o relaxamento e a comunicação em grupo. Mantendo a analogia com a linguagem, dir-se-á que se pretende que mais tarde a criança seja capaz de contar as suas próprias histórias musicais.

Comunicação e aprendizagem são palavras-chave no trabalho realizado. A Música é simultaneamente objecto de aprendizagem e mediador comunicacional.

Relativamente ao poder comunicacional da Música, sublinhe-se que esta é, por essência, a sua natureza. Este é um aspecto que urge recordar, pois é este lado vivencial que nos coloca do lado do quotidiano e das necessidades dos que habitam o século XXI.

Relativamente aos aspectos da aprendizagem recordem-se autores como Brazelton, Chamberlain, Bower, Trevarthen e Papousek, entre outros, que têm demonstrado as enormes capacidades do bebé e desfeito os mitos que durante muito tempo sustentaram a nossa ignorância sobre os bebés. Ao contrário do que se pensava, os bebés são seres extremamente sociais, curiosos e interessados. No que concerne à Música, não há dúvidas que temos subestimado completamente as suas capacidades. E é bem possível que por preconceitos e defesas várias, continuemos ainda a subestimar as capacidades musicais (sim, não só auditivas) do feto.

Fazendo eco de contribuições como as de Papousek, podemos aprofundar o estudo do desenvolvimento das competências musical e linguística do bebé como duas faces da mesma necessidade de comunicar do ser humano. Observações várias levam a pensar que no princípio haverá grande simbiose entre ambas (como se Música e Palavra brotassem da mesma fonte). Depois, linguagem e Música vão-se autonomizando, ainda que conservando resquícios uma da outra (como se depois de brotarem de uma fonte comum passassem a correr em leitos diferentes). Mas há várias situações e momentos em que é difícil estabelecer fronteiras entre si.

Para já, com base em observações efectuadas ao longo do nosso trabalho não temos dúvidas em corroborar afirmações de Edwin Gordon que defendem que o período entre os zero e os dezoito meses (período em que a linguagem verbal não é ainda predominante) é crucial em termos de desenvolvimento musical. Temos também observado que, tal como noutras situações, os bebés dão mostras evidentes de quererem integrar-se e participar na cultura musical envolvente. Mais: isto é tanto mais evidente quanto mais os seus Pais (os seus modelos) são participantes activos. Representa isto uma “imposição” de uma certa cultura musical? Certamente. Da mesma forma que tomar decisões relativamente ao tipo de alimentação, vestuário, regras, ao idioma, etc são “imposições” culturais.

As imagens visionadas mostram a existência muito precoce de respostas à Música. Há desde o nascimento sinais que evidenciam no ser humano uma progressiva apropriação das regras do discurso musical e uma evolução do comportamento musical que se dirige para a sua intencionalidade. É um facto que se podem observar reacções distintas por parte das crianças que participam nas nossas sessões. Obviamente, o tipo de participação motora com que as crianças expressam o seu envolvimento musical depende também do seu grau de desenvolvimento motor.

Trevarthen refere que, desde muito cedo, os bebés se “esforçam” por se integrar na sua comunidade. Também aqui parece ser possível falar de uma necessidade de pertença a um dado grupo, de uma “vontade de participação” no acto musical desde tenra idade, da mesma forma que o “palrar” pode ser visto como um primeiro modo de integração linguística, para além de precursor na aprendizagem da língua.

Quem se dedica ao estudo da aprendizagem infantil sabe que aprender é estimulante e uma fonte de satisfação importante para os bebés. Investigadores reputados no estudo da infância como Bower e Papousek têm afirmado que os bebés sentem prazer em aprender. Temo-lo comprovado: no âmbito do projecto em curso são vários os Pais que relatam que os seus bebés dão sinais evidentes de alegria quando chegam à Faculdade aos Sábados de manhã.

Enfim, aquilo que atrás se deixou designar por “imposições culturais” não será antes uma parte importante do Colo da Cultura que podemos – ou não – oferecer às nossas crianças para que possam melhor compreender e comunicar com o Mundo onde nasceram?

Em suma: trata-se de experienciar a Música e de partilhar a parentalidade, recuperando práticas que a actual sociedade de consumo tem vindo a substituir por hábitos mais solitários e menos humanizados.

2.3. Optimização de recursos numa perspectiva sistémica: possibilidades de articulação das vertentes de investigação, formação, intervenção comunitária, ludicidade e criação artística

Embora o objectivo da realização das sessões programadas tivesse a ver apenas com objectivos de investigação propriamente dita, o trabalho desenvolvido tem permitido revelar e acrescentar outras mais valias conciliáveis com o previamente estabelecido. Trata-se de faces de aplicação de uma perspectiva sistémica acerca da realidade que tem permitido rentabilizar recursos e aproximar interesses de investigação e especulação teórica com o quotidiano das pessoas do século XXI.

Assim:

O nosso espaço de trabalho tem sido visitado por estudantes e profissionais de vários pontos do País. Parece-me importante destacar este ponto,

pois no âmbito destas sessões podemos abordar problemas específicos de investigação (por ex. descrição dos comportamentos de resposta à Música, estudo de aspectos cognitivos no que concerne às concepções do “igual” e do “diferente” em Música, estudo de relações entre a aquisição de competências linguísticas e musicais, etc) e servir-nos, simultaneamente, das sessões como um espaço exemplificativo do trabalho musical que é possível desenvolver com Pais e bebés. Ou seja, é possível rentabilizar recursos e servir-nos simultaneamente do mesmo espaço como um espaço de estudo de questões específicas no âmbito de desenvolvimento musical e como um espaço aberto de formação de profissionais na área.

Mais: o espaço criado é ele próprio um espaço de formação para as famílias, permitindo estabelecer uma colaboração privilegiada com as mesmas. Pode assim funcionar como motivação para a concessão de autorização de investigação noutros campos de estudo em que por vezes se encontram obstáculos.

Ou seja: é possível capitalizar esforços e articular simultaneamente vertentes de investigação com aspectos de formação.

No âmbito deste projecto pensámos ter desenvolvido já um forte interface entre investigação e intervenção comunitária. Efectivamente, ao longo da realização deste projecto, quarenta e três famílias com bebés têm podido beneficiar das sessões de orientações musicais realizadas na Faculdade.

Estas famílias têm sido também extremamente colaborantes nomeadamente na recolha de informações relativas ao comportamento musical do bebé no meio familiar. Para além de descobrirem nos seus bebés potencialidades que desconheciam, os adultos começam também a libertar a sua própria musicalidade e a aprenderem formas de estar musicalmente com o seu bebé. Os *feedbacks* obtidos têm sido extremamente positivos. Há também benefícios em termos de comunicação entre os vários membros do grupo, o que leva vários dos participantes a descreverem as sessões como momentos de grande descontração.

Em suma, gostaria de poder pensar que o serviço que este projecto de investigação tem permitido prestar à comunidade é, de algum modo, uma resposta ao desafio que se lança às Ciências Sociais e Humanas do século XXI no sentido de colocarem a sua especialização e os seus saberes teóricos ao serviço do melhoramento do quotidiano e da vida concreta das pessoas.

A investigação com crianças desta faixa etária requer que sejamos capazes de desenvolver estratégias capazes de lhes chamar a atenção e isso passa muitas vezes pela utilização de objectos lúdicos, fortemente apelativos. É possível, pois, desenvolver também uma estratégia de investigação ligada à ludicidade e articulada com o mundo empresarial vocacionado para este sector de trabalho.

Na continuidade deste ponto está a criação artística. Parece-me possível rentabilizar o mesmo espaço de trabalho e desenvolver trabalhos artísticos destinados a esta faixa etária e envolvendo simultaneamente Pais e bebés. Trata-se de encontrar espaços educativos alternativos à escola em sentido estrito e que passam pela participação das famílias (re)postas em comunicação através da Música. Trata-se de humanizar a investigação, conciliando-a e observando-a no Mundo dos sujeitos que estuda. Se é verdade que, segundo vários dados de investigação científica, a voz humana é o recurso musical a que os bebés prestam mais atenção, esta informação pode ser não só relevante em termos de produção artística como a própria produção artística pode constituir uma forma de validação daqueles dados.

No âmbito deste projecto foi concebido o CD-livro-guia para Pais e educadores *Andakibebé*, que deu origem também a um espectáculo. Algumas das faixas deste CD foram testadas no âmbito das sessões realizadas. Sem dúvida, também, que alguns aspectos da sua concepção foram influenciados pela informação teórica e experiência prática que temos vindo a adquirir.

Saber que o recém-nascido tende a acalmar-se quando ouve um metrónomo que emite entre cinquenta a noventa pulsações por minuto, que é capaz de focar os olhos em riscos ou pontos que se movam num campo visual de 180 graus, que é capaz de seguir um alvo que se mova devagar, que prefere linhas curvas a rectas, a cor ao preto e branco, objectos tridimensionais a objectos bidimensionais, caras a objectos, que o ambiente sonoro do útero tem um valor e um poder muito especial para si, que a voz humana é muito precocemente reconhecida e identificada, que é extremamente sensível ao tacto, que para que esteja atento é necessário que haja variedade nos estímulos musicais, que muito provavelmente emite respostas em momentos de silêncio a seguir à audição de um estímulo musical, etc, são dados científicos que podem estar presentes na produção artística, lúdica e educativa dirigida a bebés.

No entanto, pessoalmente não acredito numa “Arte científica” ou numa “Arte Pedagógica”. Felizmente, na criação artística a citação não tem *copyright*. Acho importante poder dispôr daquela informação como de tantas outras.

Criar é também poder esquecer.

Para ilustrar as possibilidades de continuidade dos conceitos de investigação-formação-criação artística neste contexto apresenta-se o documentário *BebéBabá* realizado por Pedro Sena Nunes. Este projecto será mais um exemplo de conciliação de realidades e de optimização de recursos através do desenvolvimento de estratégias de comunicação entre elementos provenientes de diferentes sistemas.

Sumariamente: *BebéBabá* foi um projecto apresentado no Teatro Viriato em Viseu pela Companhia de Música Teatral, englobando um conjunto de *workshops* para bebés acompanhados por um adulto (Pais, avós ou outro educador), uma série de *workshops* dedicados a estes adultos, e a apresentação final deste trabalho. Ou seja, *BebéBabá* concilia uma dimensão formativa dirigida às famílias (o objectivo dos *workshops* era criar e testar soluções a integrar num espectáculo musical para bebés) com uma dimensão de performance artística apresentada ao público. Foi igualmente um trabalho concebido na convergência de vários espaços disciplinares, pressupondo – e interrogando – uma série de conhecimentos relativos ao desenvolvimento musical do bebé, embora aqui o enfoque e o ponto de partida fossem de carácter artístico.

(projecção de imagens do documentário *BebéBabá* de Pedro Sena Nunes).

2.4. Notas à margem

Conforme foi já referido, têm surgido recentemente muitos trabalhos que demonstram que a primeira infância é um período crucial no estabelecimento de conexões nervosas, dispondo o cérebro de uma enorme plasticidade para a aprendizagem. Trata-se do período da vida em que o ser humano pode aprender mais, mais rapidamente e melhor.

Interroguemo-nos então sobre o paradoxo de se adiar a Educação Musical das nossas escolas para o 2º Ciclo, uma altura em que as estruturas cerebrais estão já consolidadas e em que, portanto, os dividendos que se podem retirar do ensino musical são muito menores. Possivelmente poder-se-á fazer o mesmo tipo de observação relativamente à aprendizagem de uma língua estrangeira, aliás.

Enfim, se as Ciências Sociais e Humanas informam de algum modo as políticas educativas, algo haverá a fazer a este respeito.... e este poderá ser um dos papéis que caberá às Ciências Sociais e Humanas do século XXI.

....Ou talvez não....e gostaria então de partilhar uma outra reflexão que o video visionado pode inspirar e a que chamo a necessidade de se “desescolarizar a Educação”.

Conforme foi já referido, há nos Pais predisposições intuitivas para uma primeira estimulação musical. Cantar, embalar, dar pequenas palmadas, brincadeiras que têm a ver com o movimento e a dança, são formas primárias de incentivar a fala (e a expressão musical, embora este aspecto seja frequentemente negligenciado) a que os Pais tradicionalmente recorrem para estabelecer as primeiras comunicações com os mais pequeninos. Papousek chama a estas capacidades específicas de relacionamento com o bebé, que visam ensinar-lhe como comunicar, como produzir sons e como ganhar

atenção e bases para o diálogo, “o apoio primário intuitivo didáctico”. Trata-se de capacidades de carácter intuitivo, envolvendo várias modalidades sensoriais e com uma origem biogenética que pode ser evidenciada na universalidade do comportamento do ser humano.

São factos como estes que levam alguns investigadores a defender que os princípios da aquisição da linguagem e do desenvolvimento da competência musical na primeira infância devem ser estudados no quadro da interacção familiar, indistintamente abordados como formas de comunicação humana.

Em sessões de orientações musicais como as descritas e em observações efectuadas em contexto familiar é possível observar interacções comunicacionais entre Pais e filhos que são como que formas primárias de expressão musical. Nos exemplos clássicos de *motherese*, nas brincadeiras privadas que estabelecemos com os mais pequeninos há, conforme tem sido evidenciado por vários autores, vários parâmetros musicais – como o timbre, a intensidade, a frequência e a velocidade com que se estabelecem as interacções vocais – que vão sendo manipulados conforme têm a função de acalmar ou excitar o bebé. Há também um ajustamento entre as várias modalidades expressivas do adulto e do bebé, sendo difícil determinar quem responde, quem seduz, quem provoca.

A nossa maneira de falar é tanto mais musical quanto mais pequeno é o nosso interlocutor. Criamos situações que podem ser vistos como espaços narrativos de tensão-distensão, com alguma semelhança com os que são criados pelos grandes compositores nas suas obras musicais. Embalamos, beijamos, dançamos, acariciamos, com gestos cheios de musicalidade, ou que, de algum modo, podem ser caracterizados segundo parâmetros musicais. Ou seja, nas comunicações mais intuitivas, mais primárias, a face oculta da linguagem é profundamente musical.

São factos como estes que me levam a afirmar que é urgente desescolarizar a Educação. É necessário regressar à Natureza.

Irei mais longe: devíamos deixar de ensinar Música. Devíamos apenas fazer Música. Regressar à Música como uma celebração colectiva.

Talvez as Ciências Sociais e Humanas possam ajudar a meditar sobre as várias perdas duma civilização que sobrevaloriza a escola, o trabalho, o sucesso, e dedica tão pouco de si às relações humanas, aos “nós e os laços”. E acerca de “os nós e os laços” creio que as Ciências Sociais e Humanas têm de, no século XXI, imaginar papéis de subversão vários que façam com que transitemos do lugar da racionalidade, do corpo ou do sexo (supostamente libertados graças a alguns saberes do seu domínio) para o lugar dos afectos.

Por razões óbvias, o projecto de que vos venho falando é um lugar de afectos e quando me perguntam se isto não poderá afectar a investigação eu só posso responder: espero bem que sim! E, é claro, espero também que as condições da investigação afectem o lugar de afecto de todos quantos nela participam.

Num campo de estudo como este, a objectividade da investigação requer a integração da subjectividade. Por exemplo, quando se pergunta se um bebé reconhece ou não uma dada canção, será a apreciação dos Pais mais ou menos subjectiva que a de um observador independente?

Obviamente, deveríamos poder recorrer também a instrumentos de medição do comportamento válidos e precisos (por ex., chupetas de sucção não nutritiva, equipamentos sofisticados de registo do comportamento, de medição de batimentos cardíacos, de registos cerebrais, etc). Teremos de encontrar formas de conciliar condições de observação rigorosas e procedimentos experimentais com espaços em que o comportamento humano possa ser observado mais ou menos “naturalmente”. Chamemos-lhe um “laboratório ecologicamente válido”.

Creio que o grande desafio que se põe hoje à Educação é a necessidade de se encontrarem espaços educativos alternativos à sala de aula. As Ciências Sociais e Humanas têm de se esforçar no sentido de criar formas de contacto com o Mundo que não passem pelo ciclo vicioso – e viciado – do ensinar e aprender no espaço-escola. Têm de ajudar a reorganizar o esquema de vida das populações no sentido de se devolver aos primeiros mestres Tempo para estar.

Creio que este é um difícilíssimo exercício de imaginação. De facto, chegados ao endividamento em que hoje nos encontramos, à complexa teia de subjugações e compromissos sociais em que a Escola e a Educação passaram a ser grandes empresas empregadoras, há vínculos difícilíssimos de reorganizar. Mas as Ciências Sociais e Humanas têm de ajudar a encontrar uma nova ordem de valores e uma nova reorganização social.

Nota final

A afirmação que se segue, de Agustina Bessa-Luís, poderá trazer luz para a mudança que urge operar nas Ciências Sociais e Humanas no século XXI:

Uma vez um amigo meu perguntava a um pastor, lá na Serra, se ele não se aborrecia de estar ali dias e dias com as ovelhas e mais nada. E ele respondeu: “Não, não me aborrecem, porque as ovelhas às vezes bolem...”

Eu não era capaz de dizer uma coisa destas e, contudo, está ali contida uma filosofia, uma sabedoria, uma capacidade de conhecer a vida e de nela se integrar que é única. Uma vida com viagens, leitura, conhecimentos, pode não resultar naquela síntese.

Bibliografia

ANDRADE, Eugénio (1979) – *Rosto precário*. Porto: Limiar.